

ESCOLA INCLUSIVA E FORMAÇÃO DE EDUCADORES: REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE BRASILEIRA

Roberta Gaio

Tárcia Dias

Centro Universitário Moura Lacerda

Mestrado em Educação

Ribeirão Preto/SP/Brasil

*Somos diferentes de fato. A novidade está em queremos ser, também,
diferentes de direito.*

(Pierucci, 2008)

RESUMO

O texto tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a escola inclusiva e formação de professores de Educação Física no Brasil a luz do fortalecimento, mundial, do movimento inclusivo e a influência do mesmo na elaboração e efetivação de leis nacionais. Através de uma abordagem teórica, promovemos uma discussão sobre o sentido da escola na formação de crianças e jovens, resgatando o papel da disciplina de Educação Física Escolar e questionando a formação de professores e professoras. O entendimento de uma educação para todos é o alicerce da reflexão que instiga a entender a formação em Educação no Brasil, a partir do reconhecimento que, apesar dos limites, as crianças e jovens com deficiências podem, no cotidiano escolar descobrir possibilidades, e assim, os procedimentos didático-pedagógicos servem de alicerce para uma aprendizagem para vida, permitindo que o encontro entre as mais diversas diferenças sejam um fator enriquecedor para o surgimento de postura ética, na prática de uma atividade motora que impere a cooperação, a coletividade, o prazer, o lúdico, em detrimento da competição e da seleção dos mais habilidosos e condicionados.

Palavras Chave: escola inclusiva, formação de educadores, Educação Física Escolar

ABSTRACT

The text aims to present a discussion on the inclusive school and teacher of Physical Education in Brazil in light of the strengthening, global, inclusive of the movement and influence in the framing and execution of national laws. Through a theoretical approach, we promote a discussion about the direction of the school training of children and young people, reviving the role of the discipline of Physical Education and questioning the training of teachers and professors. The understanding of education for all is the foundation of reflection to understand that instigates the formation of Education in Brazil, from the recognition that, despite its limitations, children and youth with disabilities can, at school discover possibilities, and thus didactic-pedagogic procedures serve as a foundation for learning for life, allowing the encounter between the various differences are a factor enriches the appearance ethics, the practice

of a motor activity that prevails cooperation, community, pleasure, the playful, to the detriment of competition and the selection of the most skilled and conditioned.

Keywords: inclusive education, teacher training, School Physical Education

INTRODUÇÃO

Dentre os papéis que assume a academia, um deles é criar espaços de discussões acerca de temáticas contemporâneas e a socialização das mesmas, propiciando sempre um crescimento humano quanto à reorganização da sociedade nos diversos aspectos em que a constituem.

Assim, esse texto surge nessa perspectiva, a partir de discussões realizadas em espaços acadêmicos sobre ensino aberto às diferenças e se concretiza no encontro com pesquisadoras que buscam subsídios para entender o binômio - diferença e identidade - no grupo de estudos "Constituição do sujeito no contexto escolar", no mestrado em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda em Ribeirão Preto/SP/Brasil. É um texto construído a partir de trabalhos, anteriormente, publicados, a saber: o ponto de vista na Revista Movimento & Percepção e o texto no livro do I Congresso Científico Internacional de Educação Física, Esporte, Saúde e Educação do Triângulo Mineiro – Uberaba/MG/Brasil. Agora, ampliado, pretende-se apresentar uma reflexão sobre inclusão escolar tendo como foco de análise a formação de professores e professoras em Educação Física, considerando a realidade brasileira.

Os profissionais de Educação Física devem estar comprometidos com a educação de crianças e jovens para além da prática de movimentos mecanizados que valorizam somente os mais habilidosos, mas, principalmente, precisam ser mediadores do ensino-aprendizagem da cultura corporal de movimento, que valoriza as vivências e não o treinamento, numa "proposta que procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos". (Brasil, 1998, p.15)

A Educação Física na escola brasileira, desde seu início, em 1851 com a reforma Couto Ferraz e mais tarde, com o célebre parecer 224, de 12/09/1882, de Rui Barbosa até os dias atuais, sofreu mudanças nas suas concepções, passando por transformações que estiveram sempre atreladas aos interesses de época. (Betti, 1991; Grespan, 2002; Darido; Rangel, 2005)

Foi um longo caminho: dos métodos de ginástica (Alemão, Sueco e Francês), das concepções higienista, militarista e esportivista, inicialmente, presentes nas aulas de Educação Física; passando pelas tendências pedagógicas surgidas a partir da década de 80, entre elas a psicomotricidade, a desenvolvimentista, a construtivista-interacionista, entre outras, até os dias atuais, quando a Educação Física deve "promover o princípio da inclusão, com a inserção e integração dos alunos à Cultura Corporal de Movimento, por meio de vivências que problematizam criticamente os conteúdos: jogos, esportes, danças, ginásticas, lutas e conhecimento sobre o corpo". (Darido; Rangel, 2005, p.18)

Assim, hoje não podemos mais aceitar uma Educação Física escolar que seja:

(...) nem domadora de corpos humanos, nem produtora de uma raça forte e energética; nem celeiro de atletas; nem terapia escolar; nem promotora de uma saúde estritamente biológica. Pensamos

numa educação física que não está preocupada em produzir ‘corpos esculturais’, mas em participar da construção de ‘corpos culturais’ das crianças, dos adolescentes, dos trabalhadores, enfim, dos homens e das mulheres, que com eles sentem, pensam, desejam, sofrem, agem, produzem, brincam, jogam (...). (Souza; Vago, 1997, p.140)

Segundo Darido; Rangel (2005) a Educação Física na escola brasileira é componente curricular da Educação Básica, ou seja, é uma disciplina que tem a mesma equivalência das demais disciplinas de outras áreas do conhecimento, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A relevância da disciplina de Educação Física na escola bem como os problemas envolvendo a prática pedagógica dos/das docentes, frente ao desafio de educar crianças e jovens, nos remete a formação destes profissionais.

O texto propõe pensar a formação profissional em Educação Física na ótica da licenciatura, fundamentalmente, com intuito de entender a escola inclusiva como uma construção coletiva da sociedade.

A ESCOLA INCLUSIVA E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES: REFLEXÕES PRELIMINARES

Inicialmente é preciso considerar que o movimento de inclusão se fortalece, mundialmente, a partir da Declaração Mundial de Educação para Todos (Unesco, 1990), da Declaração de Salamanca (Unesco, 1994) e, no Brasil, também a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996). Segundo a literatura da área (Aranha, 2000; Mrech, 2001; Rodrigues, 2006; Brasil, 2007) a inclusão escolar só pode ser alcançada como consequência de reformas na escola que propiciem um ensino de qualidade a todos os/as alunos/as, ou seja, uma escola capaz de criar condições, contextos inclusivos, para que todos possam se desenvolver e usufruir oportunidades semelhantes na vida social.

Não é possível construir a inclusão escolar sem propor mudanças na escola, seja no ensino comum ou no especial, que busquem superar os seus atuais limites, limites esses que deram origem à necessidade das propostas de inclusão.

Além disso, é importante considerar que a base para o movimento de inclusão é a busca da igualdade social, isto é, direitos e oportunidades iguais na pluralidade social (Aranha, 2000), a mesma base que dá subsídio para a democracia. Na criação de contextos inclusivos na escola e na vida social é necessária a apropriação do conhecimento produzido durante a escolarização.

A escola, nessa perspectiva, é uma das principais etapas para a construção da cidadania e preparação para o trabalho, pois, além de procurar superar a visão de aluno ou aluna com deficiência como origem dos problemas, visão essa decorrente do modelo médico-terapêutico, psicométrico e de propostas que supõem a necessidade de adaptação aos padrões de normalidade; deve se assentar sob fundamento democrático, de direitos humanos, sem que haja imposição de um segmento da comunidade escolar sobre outro. Ou, em outras palavras, todos os segmentos têm o direito de participar na comunidade e nas propostas de transformações, igualmente, buscando, a partir de discussões

sobre suas singularidades e sobre a pluralidade do coletivo, aperfeiçoar a qualidade dos processos e das reformas.

Na inclusão deve haver uma reforma na organização escolar, na organização do currículo e em todo o sistema educacional, visando beneficiar a todos, principalmente aos diferentes, às minorias. Parafraseando Mittler (2003), Dias (2004) sugere que devam ser destacadas, nessa reforma, as transformações no currículo, na avaliação, nas decisões sobre as matrículas dos/as alunos/as, nas práticas escolares, no esporte e na recreação, considerando a semelhança e a singularidade discente.

Para a inclusão os sistemas de ensino devem promover: transversalidade da educação para as diferenças; atendimento educacional especializado; continuidade da escolarização até os níveis superiores; formação inicial e continuada de professores/as e demais profissionais da educação para a inclusão escolar; participação da família e da comunidade nas transformações educacionais; acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e na informação; e articulação dos vários segmentos na proposição e implementação das políticas públicas (Brasil, 2007).

Embora, há muito tempo, fala-se nessa reforma escolar, pouco, ainda, tem sido feito para que ela ocorra. Os/as alunos/as, de uma forma geral, estão sempre sendo preparados para um futuro não tão certo e não tão promissor e os/as alunos das últimas séries do ensino médio ainda continuam às voltas com os conhecimentos solicitados nas provas de vestibular.

Educação para o futuro eis a temática que impera, geralmente, nas escolas brasileiras de formação inicial. E o presente?

Deve-se ter claro que a opção não é o simples ingresso à escola comum atual, inclusão incipiente (Mrech, 2001), que tem levado à desativação dos serviços especiais sem produzir o novo, mantendo o sistema que existe. Sem operar as reformas que definem esse novo paradigma educacional, não há inclusão, isto é, sem a organização de redes de apoio, a implementação de formação continuada aos professores e professoras, o desenvolvimento de práticas colaborativas e o ensino bilíngue não é possível criar contextos inclusivos na escola (Brasil, 2007).

Os sistemas de ensino devem, sim, matricular todos os/as alunos/as, mas oferecer um ensino de qualidade que favoreça a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, a ampliação de oportunidades, a formação para o mundo do trabalho e a participação social (Brasil, 2007).

Não é pretensão tornar esse texto um muro de lamentações, trazendo uma escola que todos conhecem e muitos criticam, queremos apenas refletir sobre ela, como um espaço de convivência social, de ampliação da cultura, capaz de promover uma educação de e com qualidade para todos indistintamente, como direito adquirido. Uma Educação que promova a emancipação intelectual, voltada para a vida, que contribua para a formação de indivíduos críticos e criativos, com metas a construir e a transformar a realidade social, pois “a escola é um espaço de relações sociais e não somente um espaço cognitivo”. (Silva; Soares, 2003, p.90)

As palavras de Mantoan (2006, p. 187) nos proporcionam uma reflexão sobre o ensino de crianças e jovens, corroborando com nossas idéias:

Sabemos que o ensino básico como um todo (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) é prisioneiro da transmissão dos conhecimentos acadêmicos e os alunos de sua reprodução, nas aulas e nas provas. A divisão do currículo em disciplinas como a matemática, a língua portuguesa etc. fragmenta e especializa os saberes e faz de cada matéria escolar um fim em si mesmo e não um dos meios de que dispomos para esclarecer o mundo em que vivemos e entender melhor a nós mesmos.

Atualmente, o desafio posto à escola, como uma instituição complexa, baseada no conjunto de leis, projetos, planejamentos e ações pedagógicas, de relações que se estabelecem a partir do ensino-aprendizagem de conteúdos de diversas áreas do conhecimento, é de se estabelecer como “um lugar de ser, de viver e de crescer”. (Mantoan, 2006, p.184)

Nesse espírito de repensar a escola com o objetivo de edificar uma nova escola, que possa atender não só os interesses da classe dominante, mas também dos menos favorecidos e discriminados, encontramos respaldo em Gonçalves (1994, p.32), quando diz:

A escola é uma instituição social e, como tal, se encontra numa relação dialética com a sociedade em que se insere. Ao mesmo tempo em que reproduz as estruturas de dominação existentes na sociedade, constitui-se em um espaço onde se pode lutar pelas transformações sociais.

Com intuito de apresentar alguns apontamentos sobre formação de educadores e a participação dos mesmos na construção dessa escola, pautada numa visão inclusiva, de uma escola que promova o ensino para todos, tomamos nesse momento, a decisão de fazê-lo na perspectiva da Educação Física, área que atuamos faz muitos anos, junto aos cursos de graduação e pós-graduação.

ESCOLA: UM ESPAÇO DE TODOS OS CORPOS EM MOVIMENTOS

Nesse momento não queremos levantar questões que apontem para os problemas enfrentados pelos profissionais de Educação Física quando em reflexões sobre o papel dessa disciplina na escola. Muitos já escreveram sobre esse assunto, ainda em pauta em congressos científicos na área, mas que não é o foco central desse texto.

Instigamos o/a leitor/a pensar a Educação Física na escola como uma disciplina fundamental para estimular as crianças, jovens e adultos ao encontro com as diferenças, saboreando o saber que emana dos corpos em movimentos, propiciando o conhecimento de si, dos outros, do ambiente e dos objetos, num constante diálogo entre o ensinar e o aprender.

Disciplina essa que pode e deve, com um trabalho adequado do profissional da área, ampliar a cultura corporal de movimentos dessas pessoas, propiciando o desenvolvimento nos aspectos cognitivo, afetivo-social e motor dos mesmos, num constante exercício de entender e atender as necessidades que afloram das diferenças, enriquecendo as possíveis ações e reações dos corpos em movimentos.

Segundo os estudos de Laban (1978) o movimento é mais que uma simples ação corporal; é fruto de um esforço interno que surge a partir de estímulos externos, que se concretizam a partir da intencionalidade, dos desejos, das necessidades, de objetivos tangíveis e intangíveis. Somos sempre

seres em movimentos e possuímos um conjunto muito grande de opções de movimentos, o que nos faz diferentes dos demais animais.

Todos os seres humanos, até mesmo aqueles que são “corpos incompletos” tem a disposição possibilidades infinitas de movimentos e combinações de movimentos. Criamos, re-criamos, adaptamos, (des)construímos e nos concretizamos sempre como corpos em movimentos em busca de auto-superação, de realizações e de aprendizagem, numa constante espiral de desenvolvimento humano.

Enquanto que os movimentos dos animais são instintivos e basicamente realizados em resposta à estimulação exterior, os do homem encontram-se caracterizados por qualidades humanas; por intermédio deles, o homem se expressa e comunica algo de seu ser interior. Tem ele a faculdade de tomar consciência dos padrões que seus impulsos criam e de aprender a desenvolvê-los, remodelá-los e usá-los. (Laban, 1978, P.112)

Somos assim, corpos de muitas possibilidades e isto deve ser estimulado em todas as aulas na escola, em especial na Educação Física. Porém, cada corpo é único frente às diferenças apresentadas pelos demais corpos, pois o “corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade”. (Woodward, 2004, p.15)

Sem nos aprofundar numa discussão sobre identidade, o que propomos é pensar a Educação Física numa escola preparada para valorizar o convívio entre os diferentes, como nas palavras de Mantoan (2006, p. 189):

As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para entender como aprendemos, e como percebemos o mundo e a nós mesmos. O modelo educacional já mostra sinais de esgotamento e, no vazio de idéias que acompanha a crise paradigmática, surge o momento oportuno das transformações.

EDUCAR É PROMOVER RELAÇÕES: ENCONTRO ENTRE CORPOS

Refletir sobre a ação pedagógica do professor ou da professora de Educação Física no espaço escolar, entendendo essa ação a partir da educação como forma de promover relações é pensar no compromisso que esses profissionais assumem, a partir do entendimento dos acontecimentos historicamente situados que estimularam e ainda o fazem, com intuito de permitir a desconstrução de preconceitos, estigmas e discriminações baseadas em diferenciações e limitações que alguns seres humanos apresentam.

Resgatarmos toda a história da humanidade, os períodos em que, crianças, jovens e adultos com deficiências foram eliminados, segregados e excluídos, até mesmo os avanços quanto ao atendimento a esse grupo de pessoas não é o bastante nesse momento.

Necessitamos sim, de ações conscientes, humanas, críticas, éticas e cidadãs que promovam nesse início de século, o comprometimento de todos em abrir as portas das escolas para as crianças, os jovens e os adultos, no intuito de promover em salas, quadras e demais espaços, não somente o estar junto, mas o estar com, participando efetivamente das atividades fazendo com que “as diferenças sejam incorporadas como o motor indispensável à ação pedagógica”. (Abramowicz; Barbosa; Silvério, 2006, p. 3)

Há tempos falamos e nos preocupamos com a preparação dos profissionais de Educação Física, no que se refere ao entendimento, aceitação e atendimento às pessoas com deficiência em aulas de Educação Física e esportes adaptados, possíveis de serem realizados em diversas praças municipais, clubes e instituições de Educação Especial.

Fica claro o avanço alcançado até o momento, quanto ao envolvimento e desenvolvimento desse grupo em práticas esportivas adaptadas (esportes modificados para atender as necessidades das pessoas com deficiências), em espaços onde elas são valorizadas, não pelo que deveriam ser, mas pelo que são.

Desde 1960 em Roma, em sua primeira versão integrada com os Jogos Olímpicos, os Jogos Paraolímpicos tem agregados deficientes de diversos países e promovido o desenvolvimento de várias modalidades esportivas, mostrando que o ser humano é um animal de adaptações necessárias e extraordinárias, às vezes nunca imaginadas por nós em outros tempos. Na última versão desse evento, em Pequim, no ano de 2008 foram, aproximadamente, 4011 atletas de diversos países a mostrarem capacidade de auto-superação e técnicas corporais de alto rendimento, comprovando que:

(...) o ser humano é um corpo que oferece todas as possibilidades, mesmo que ele se apresente fragilizado. Esse corpo tem poder, e esse poder emerge da auto-organização do ser humano com o meio ambiente, na medida em que esse ser apropria, como corpo, desse poder e se coloca em busca dos seus direitos e deveres como organismo vivo. (Gaio, 2006, p.171)

Os professores e as professoras de Educação Física precisam reconhecer que, apesar dos limites, as crianças, jovens e adultos com deficiências podem, no cotidiano escolar descobrir possibilidades, e assim, os procedimentos didático-pedagógicos podem vir a ser o alicerce para uma aprendizagem para vida, permitindo que o encontro entre as mais diversas diferenças sejam um fator enriquecedor para o surgimento de sentimentos nobres e éticos, na prática de uma atividade motora que impere a cooperação, a coletividade, o prazer, o lúdico, em detrimento da competição e da seleção dos mais habilidosos e condicionados.

Fonseca (2009, p.65) em sua pesquisa sobre formação profissional em Educação Física e inclusão, diz:

Quando falamos em Inclusão em Educação Física, ou em qualquer outra área do conhecimento escolar, o que se busca, não no sentido prescritivo, é garantir a participação efetiva de todos os alunos nas aulas, não com oportunidades iguais, mas com igualdade de oportunidades, para que assim possamos respeitar e reconhecer suas limitações e potencializar suas possibilidades de ação, de movimento e de conhecimento.

Não estamos aqui para apresentar uma proposta de planejamento para a Educação Física como disciplina escolar, pois isso deve ser algo a ser elaborado, juntamente com os/as professores/as de outras disciplinas, considerando no mínimo, o projeto político pedagógico da escola, a Lei de Diretrizes e Base e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Nosso objetivo nesse instante é chamar a atenção para uma formação profissional em Educação Física baseada nos princípios da Motricidade Humana, pautada no estudo do ser humano que se movimenta na perspectiva do esporte, jogo, luta, dança e ginástica.

Quais seres humanos? Todos, sejam eles homens ou mulheres, com ou sem limitações aparentes. Todos, sem exceção podem e devem se beneficiar do corpo em movimento, ao encontro de outros corpos, numa dinâmica que se justifica a partir do pensar, sentir e agir. Assim, temos:

Pela motricidade o homem se afirma no mundo, se realiza, dá vazão à vida. Pela Motricidade ele dá registro de sua existência e cumpre sua condição fundamental de existência. A Motricidade é o sistema vivo do mais complexo de todos os sistemas: o corpo humano. Pela corporeidade ele dá testemunho de sua condição material, de sua condição de corpo. É pela corporeidade que o homem diz que é de carne e osso. Ela é a testemunha carnal de nossa existência. A corporeidade integra tudo o que o homem é e pode manifestar nesse mundo: espírito, alma, sangue, osso, nervos, cérebro, etc. A corporeidade é mais do que um homem só: é cada um e todos os outros. A motricidade é a manifestação viva dessa corporeidade, é o discurso da cultura humana. Enfim, o desenvolvimento da motricidade cumpre um desígnio fundamental: viver. Quem me dera morrer de tanto viver! (Freire, 1991, P.63)

Os/as professores/as de Educação Física precisam estar preparados para atender a todos os seres humanos, dentro e fora da escola e para isso apresentamos algumas considerações quanto à prática pedagógica em Educação Física, fruto de discussões e experiências adquiridas em sala de aula no magistério do ensino superior na área e publicadas recentemente. Assim Gaio; Porto (2006, p. 21) dizem:

- O conhecimento seja ele vindo da matemática, do português ou da educação física deve ser o mesmo para todos os alunos, devendo o professor escolher a melhor estratégia para trabalhá-lo em função das diferenças presentes em sala de aula;
- O chamado atendimento educacional especializado é algo muito importante para propiciar aos alunos um melhor “rendimento” escolar e deve estar à disposição de todos os que necessitarem, tais como Braille, libras, técnicas de orientação e mobilidade, entre outros;
- Os professores de educação física devem planejar suas aulas a partir dos objetivos que emanam, não só dos conteúdos a serem ensinados, mas em função do ciclo que se encontram os alunos, sejam eles deficientes ou não;
- A adaptação deve ser somente da metodologia, propiciando a todos os alunos o direito de experimentar todos os conteúdos da Educação Física propostos em sala de aula, sem restrição, criando um espaço onde o estar com, o convívio seja priorizado e propicie o surgimento de parcerias na execução dos movimentos;
- O professor de educação física deve ir além do que sabe executar, deve ensinar o desconhecido, estimulando a criatividade dos alunos e exercitando a sua, a resolução de problemas, a cooperação na realização das tarefas, criando assim, um espaço de descoberta de movimentos;

APONTAMENTOS FINAIS

Nesse momento, em que encerramos nossas reflexões sobre a possível existência de uma escola inclusiva e a relevância da formação de educadores competentes e éticos para fazerem dela uma realidade, registramos nossa preocupação em discutir e vivenciar a inclusão em sala de aula

nos cursos de graduação em Educação Física, enfatizando as diferenças como fator fundamental e enriquecedor no processo pedagógico, no ensino-aprendizagem dos diversos conteúdos da área.

Não podemos mais esperar que uma única disciplina (Educação Física Adaptada ou outro nome que se queira dar para ela) apresente no seu plano de ensino a temática das atividades físicas e esportivas para crianças, jovens e adultos com deficiências, muitas vezes trabalhados somente com os esportes adaptados.

Em pesquisa realizada, junto aos cursos de formação profissional em Educação Física no Estado de Pernambuco/Brasil, Belo; Duarte; Gaio (2009) constataram que a inclusão é uma realidade muito mais no papel do que no cotidiano da sala de aula; que a temática só aparece quando existe um/uma aluno/aluna com deficiência no curso, sem, porém, haver uma preocupação quanto a incluir o ensino aberto as diferenças no projeto político pedagógico do mesmo.

Há que se ter um contato maior entre escola e universidade, para que as produções científicas possam sair do papel e se tornarem ações pedagógicas em contextos reais.

Não se pode mais conceber uma formação em Educação Física com uma visão reducionista de escola, de ser humano e de conhecimento.

Deve-se no interior dos cursos de formação pensar a escola para além das quadras e salas de aula, mas sim como o espaço do projeto político-pedagógico, que deve ser construído coletivamente, no qual a inclusão deve ser referenciada, entendida e estendida nas discussões de currículo, planejamento, plano de curso e de ensino.

Veiga (2010, p. 9) refletindo sobre a escola como espaço do projeto político-pedagógico, alerta e, conseqüentemente, contribui com as reflexões deste texto:

O projeto pedagógico exige profunda reflexão sobre as finalidades da escola, assim como a explicitação de seu papel social e a clara definição de caminhos, formas operacionais e ações a serem empreendidas por todos os envolvidos com o processo educativo. (...) Ele precisa ser concebido com base nas diferenças existentes entre seus autores, sejam eles professores, equipe técnico-administrativa, pais, alunos e representantes da comunidade local.

Já o ser humano é muito mais que um corpo musculoso que pratica ginástica, lutas ou esportes, necessitamos enxergá-lo como um corpo que “expressa a unidade na diversidade, entrelaçando o mundo biológico e o mundo cultural e rompendo com o dualismo entre os níveis físicos e psíquicos”. (Nóbrega, 2009, p.68)

Ou nas palavras de Rodrigues (2009, p.11):

O corpo humano, apesar de parecer o mesmo há milhares de anos, tem uma história. Não uma história que se debruce sobre as alterações morfológicas e funcionais que ele sofreu ao longo da evolução filogenética, mas sim uma que o acompanha e analisa os valores, as concepções e os conceitos que sobre ele se construíram ao longo da trajetória recente da humanidade.

O conhecimento não mais como fragmentos de saberes desconetados historicamente do mundo social, político, econômico e cultural. Como nos dizem Gaio; Simões; Carvalho (2008 p.148): “Os sistemas sociais humanos são complexos, e é também a não uniformidade da realidade social

que faz necessário analisarmos o contexto social em que todos os conhecimentos foram elaborados, respeitando e valorizando a racionalidade do outro.”

Os alunos e as alunas dos cursos de formação em Educação Física não devem estudar os esportes, os jogos, as lutas, as ginásticas e as danças, mas sim os seres humanos, crianças, jovens, adultos e idosos, de diversos gêneros, etnias, classes sociais, com e sem deficiências que podem se beneficiar com a vivência e a prática desses conteúdos dentro e fora da escola, para além de estereótipos construídos socialmente.

É importante que possamos cada vez refletir sobre a diversidade humana toda vez que estudamos os conteúdos específicos da Educação Física. A cada bola chutada, a cada fita manuseada, a cada braçada vivenciada na piscina dos cursos de Educação Física necessita estar atrelada ao pensamento de que, nosso campo de conhecimento é muito mais amplo do que o movimento simplesmente executado e desconectado da realidade social em que se insere.

A Educação Física, através dos seus conteúdos deve estimular a compreensão, a tolerância, o entendimento das características das diversas pessoas, que afloram a partir do diálogo promovido pelo saber produzido a partir dos corpos em movimentos, numa atitude positiva como nos revelam Assmann; Mo Sung (2000, p.30) ao falarem de competência e sensibilidade solidária:

Chegou a hora de fazermos as pazes com as limitações dos nossos pendores sociais e imaginar, apesar disso, formas de convivência social cada vez mais favoráveis ao bem estar e à felicidade de todos os membros da nossa espécie. Só que, para isso, devemos desistir de idealizações, mais ou menos idílicas, acerca de nós mesmos e acerca daquilo que é historicamente realizável em contextos concretos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A.; BARBOSA, L.M.A.; SILVÉRIO, V.R. (ORG.) (2006).** *Educação como prática da diferença*. Campinas: Autores Associados.
- ARANHA, M. S. F. (2000).** Inclusão social e municipalização En: Manqzini, E.J. *Educação Especial: temas atuais*. Marília/SP: UNESP, 01-09.
- ASSMANN, H.; MO SUNG, J. (2000).** *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. 3ª edição, Petrópolis: Vozes.
- BELO, A. Z.; DUARTE, E.; GAIO, R. (2009).** Educação Física & Inclusão: a formação profissional em questão En Souza-Leite, C.R.V. de; Mattos, M.F.S.C.G.de (Orgs.) *Constituição do sujeito: história, educação e gênero*. São Paulo: Iglu.
- BETTI, M. (1991).** *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento.
- Brasil. Ministério da Educação (1996).** *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LDB 9.394. Brasília: MEC.
- Brasil, Secretaria de Educação Fundamental (1998).** *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil/Mec/Seep (2007).** *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da inclusão*. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos>. Acesso em 2010.

- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (ORGS.) (2005).** *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- DE MARCO, A. (ORG.) (2006).** *Educação Física: Cultura e Sociedade*. Campinas: Papirus.
- DIAS, T.R.S. (2004).** Educação de surdos, inclusão e bilingüismo. En: Mendes, E. G., Almeida, M.A. e Williams, L.C. A. (Orgs.) *Temas em educação especial: avanços recentes*. São Carlos: EduFSCar, 37-42.
- FREIRE, J.B. (1991).** *De corpo e alma: o discurso da motricidade*. São Paulo: Summus.
- FONSECA, M. P. DE S. (2009).** *Inclusão: culturas, políticas e práticas na formação de professor em Educação Física da UFRJ*. Dissertação de mestrado em Educação, Rio de Janeiro: UFRJ.
- GAIO, R. (2006).** *Para além do corpo deficiente: histórias de vida*. Jundiaí: Fontoura.
- GAIO, R. (2008)** *Metodologia de Pesquisa e Produção de Conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- GAIO, R.; PORTO, E. (2006).** Educação Física e Pedagogia do Movimento: possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças En De Marco, A. (Org.). *Educação Física: Cultura e Sociedade*. Campinas: Papirus.
- GAIO, R.; SIMÕES, R.; CARVALHO, R.B. DE. (2008).** Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão En Gaio, R. *Metodologia de Pesquisa e Produção de Conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- GONÇALVES, M.A.S. (1994).** *Sentir, Pensar, Agir: Corporeidade e Educação*. Campinas: Papirus.
- GRESPAN, M. R. (2002).** *Educação Física no ensino fundamental: primeiro ciclo*. Campinas: Papirus.
- LABAN, R. (1978).** *Domínio do movimento*. Edicação organizada por Lisa Ullmann, tradução Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Silvia Mourão, 5ª edição, São Paulo: Summus.
- LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (2003).** *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes.
- MANTOAN, M.T.E. (2006).** O direito de ser, sendo diferente, na escola In: Rodrigues, D. *Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus.
- MITTLER, P. (2003).** *Educação inclusiva: contextos sociais*. Tradução de Windeyz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed.
- MRECH, L.M. (2010).** *Educação inclusiva: realidade ou utopia?* Disponível em <<http://www.educacaonline.pro.br/>>
- NÓBREGA, T.P. DA. (2009).** *Corporeidade e Educação Física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito*. 3ª edição, Natal: Editora UFRN.
- PIERUCCI, A.F. (2008).** *Ciladas da diferença*. 2ª edição, 1ª reimpressão, São Paulo: Editora 34.
- RODRIGUES, D. (2009).** *Os valores das atividades corporais*. São Paulo: Summus.
- RODRIGUES, D. (ORG.) (2006).** *Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus.
- RODRIGUES, D. (2009).** Corpo, técnica e identidade. In Rodrigues, D. *Os valores das atividades corporais*. São Paulo: Summus.
- SERGIO, M. (1996).** *Epistemologia da Motricidade Humana*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

- SILVA, T. T. DA (ORG.) (2004).** *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 3ª edição, Petrópolis: Vozes.
- SILVA, R. A.; SOARES, R. (2003).** Juventude, escola e mídia En Louro, G. L.; Neckel, J. F.; Goellner, S. V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 90-101.
- SOUZA, E. S.; VAGO, T. M. (1997).** O ensino de educação física em face da nova LDB. En *Educação Física escolar frente à LDB e aos novos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses*. Ijuí: Sedigraf.
- UNESCO (1990).** *Declaração Mundial sobre Educação para Todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem*. Unesco, Jomtiem/Tailândia.
- UNESCO (1994).** *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília: Unesco.
- VEIGA, I. P. A.; RESENDE, L. M. G. DE (2010).** *Escola: espaço do projeto político-pedagógico*. 14ª edição, Campinas: Papirus.
- VEIGA, I. P. A. (2010).** Perspectivas para reflexão em torno do projeto político-pedagógico En Veiga, I. P. A.; Resende, L. M. G. de. (Orgs.). *Escola: espaço do projeto político-pedagógico*. 14ª edição, Campinas: Papirus, 9-18.
- WOODWARD, K. (2004).** Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual En Silva, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 15-26.